

RESENHA DO LIVRO: O UNIVERSO DO CERRADO

Warley Lemes Gonçalves¹

GOMES, H. (Org). **Universo do Cerrado**. Goiânia: UCG, 2008. (Volume 1 e 2).

A obra UNIVERSO DO CERRADO, organizada pelo professor Horieste Gomes é estruturada em treze capítulos, que trabalham na construção, composição e importância do ambiente *Cerrado* e a cultura do Cerrado brasileiro. Cada capítulo abordado, por autores distintos, detalha assuntos relevantes ao bioma com interpretações de diversas áreas e linhas de estudos.

No primeiro capítulo “Evolução da paisagem nas áreas de cerrado: uma análise no tempo profundo” (BARVERI; RIBEIRO, 2008, p. 15-78) o elemento, paisagem, é visto em evolução, que ocorre desde o final do paleozóico ao neogeno e continua em constante estruturação até os dias atuais. Efetivamente, a formação da distribuição da vegetação possui ocorrência de 2.000 anos AP, o que afirma como consequência a fácil adaptação que o bioma sofreu em decorrência das ações antrópicas, levando em consideração os vestígios registrados sobre o uso do fogo nestas regiões.

Ainda neste capítulo, os autores descreveram o padrão na construção morfológica da vegetação, ao comparar com os demais tipos de savanas. Com isso, o cerrado não possui sincronidade com qualquer modificação paleoclimática global e sua principal influência é dada pelas características locais. Entretanto, as interações entre os parâmetros físicos: latitude, altitude, condicionamento geológico, compartimentação geomorfológica local e regional, solo, clima e suas variações, compostos biológicos, ocorrência e intensidade das queimadas e as ações humanas caracterizam diretamente a resposta paleoclimática destes ambientes.

O segundo capítulo “Ocupação indígena no sistema biogeográfico do cerrado” (BARBOSA, 2008, p. 79-163) relata sobre a importância que o Cerrado exerce na vida das

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UEG) email : biowarley@gmail.com

populações pré-históricas e como esse processo de ocupação interage com o ambiente. Para iniciar, o autor realiza uma caracterização dos principais grupos indígenas que fizeram parte da construção sociocultural do Cerrado: Guajajara, Urubu-Kaapor, Guajá, Tembé, Pukobié, Krikati, Timbira, Canela Apaniekra, Canela Ramkokamekra, Bakairi, Bororo, Xavante, Javaé, Karajá, Xambioá, Tapirapé, Avá-Canoeiro, Xerente, Krahó, Apinayê, Guarani, Kadiwéu, Terena, Camba e Tapuia.

Além disso, o autor caracterizou o sistema biogeográfico do Cerrado e aprofundou no reconhecimento cultural dos povos coletores e caçadores. Por existir uma conexão entre o biomas e as demais formações vegetacionais sul-americanas, a faixa de transição é favorecida para caça, pesca, uso do solo, cultivo e atividades artesanais e outros aspectos culturais, promovendo maior resistência à passagem das estações.

O autor também afirma que a prática de cultivo dos povos pré-cerâmicos pode ter chegado com a migração dos horticultores ou pela própria aculturação dos caçadores/coletores, que, provavelmente, aprenderam os métodos com seus vizinhos. Ainda se desconhece por completo o processo de coleta, plantação, domesticação e manuseio/fabricação das ferramentas utilizadas na época. Sua conclusão é que a sobrevivência dos ocupantes do ambiente, dependia da estruturação biogeográfica do Cerrado.

No terceiro capítulo “Paisagens do cerrado: um estudo do Subsistema de Veredas” (FERREIRA, 2008, p. 165-230) foi trabalhado sob a ótica da inserção/visão/percepção para analisar a paisagem das veredas. Esta formação vegetal se integra a um subsistema do Cerrado, que denota um significado ecológico, papel socioeconômico, estético-paisagístico, refúgio fauno-florístico para espécies que dependem deste sistema para sobrevivência. O autor faz um breve estudo sobre a legislação que vigora a proteção das veredas, ou dos ambientes progenitores de água.

Em seguida, o autor realiza uma revisão sobre a composição fitofisionômica do Cerrado, caracterizando o subsistema de vereda, que por sua vez, são jovens, de origem holocênica e em constante evolução. Além de fazerem parte de ambientes geomorfológicos e biogeográficos frágeis, considerando, assim, as possíveis destruições ambientais em decorrência de ações do homem. Estudando, é possível observar que o uso de corretivos e defensivos agrícolas comprometem a qualidade da água desses meios, diminuindo o índice de sobrevivência das espécies.

O quarto capítulo “O território goiano-tocantinense no contexto do Cerrado” (NETO, 2008, p. 232-270) idealizado por um texto diferente do que se vê no meio acadêmico, mostra a necessidade da preservação do Cerrado. De forma poética e reflexiva, o texto nos remete sobre

O UNIVERSO DO CERRADO

a construção desse ambiente por nossos antepassados, como sua beleza pode influenciar no que diz respeito a sua importante valorização social e cultural para os seres humanos e aqueles, que antes viviam nestas terras.

No capítulo cinco “Sete de setembro (esperança)” (NETO, 2008, p. 271-278) mais uma vez, o autor, Antônio Teixeira Neto, traz em seus textos, o valor do Cerrado com um olhar cultural de um romance que nos liga diretamente a uma história cheia de vida e amor, que ao mesmo tempo é finalizado em um pedido de socorro, denotando a necessidade de preservarmos o nosso Cerrado, uma vez que os rios estão mais seco e os pássaros não cantam mais como cantavam a meio século atrás.

O segundo volume do livro tem início com o capítulo “A dinâmica demográfica do cerrado: o território goiano apropriado e cindido” (CHAVEIRO; CALAÇA, 2008, p. 287-307). Os autores ressaltaram que pouco se alterou quanto ao conteúdo populacional, contudo a paisagem mudou deixando uma imagem avassaladora, com registro do aumento da desigualdade social e territorial. Ao longo da história do goiano, é possível observar que o propósito da modernização transformou o Cerrado como capitalizado, entretanto as pessoas foram excluídas deste processo.

No capítulo sete “Políticas de desenvolvimento regional: discriminação, (inter)nacionalização e (in)sustentabilidade do bioma cerrado” (CHAVES, 2008, p. 309-351) traz uma contribuição que remete a compreensão da natureza humana como diversidade. No ponto de vista do autor, o conceito de desenvolvimento sustentável deve ser analisado dentro da visão política. Como consequência, podendo intervir na relação entre sociedade e ambiente, respeitando os condicionantes naturais, históricos e culturais da comunidade, o que promoveria o bem-estar social.

O autor mostra que a interdependência é a chave para o funcionamento dos sistemas naturais do Cerrado, principalmente quando se trata do equilíbrio planetário e sua contribuição significativa para as populações locais. Ou seja, defende a ideia de completude na conexão ecológica dos ambientes. Com isso, conclui-se que com a perda do ambiente Cerrado, outros ecossistemas podem, também, deixar de existir.

O oitavo capítulo, “A nova matriz espacial do território goiano” (GOMES, 2008, p. 353-375) de autoria do organizador do livro, traz, em forma de protesto, uma abordagem sistemática sobre o reconhecimento do Cerrado e ao mesmo tempo sua integração no processo de capitalização sob desenvolvimento da vontade humana pós Segunda Guerra Mundial. Com o objetivo de lucrar, a nova política de estado, idealizou Goiás como produtor importante para

finalidades econômicas com o uso dos recursos ambientais, que se somam a mais de 60% do PIB do Estado.

Como resultado das ações exercidas pela política oficial de livre expansão da fronteira agrícola, temos os impactos ambientais, sociais e culturais que a natureza e a sociedade brasileira vêm sofrendo, sendo eles: fragmentação e degradação da paisagem, redução da biodiversidade animal e vegetal, assoreamento e a diminuição da conservação dos cursos d'água e a destruição cultural e de monumentos naturais. No fim, o autor ressalta que para preservar o Cerrado, é necessário, e uma saída é, posicionar-se contra o modelo político/econômico de desenvolvimento capitalista e lutar para desarraigá-lo. Caso contrário, suspeita-se que dentro de 50 anos o Cerrado será extinto.

O nono capítulo “O impacto das rodovias na fauna do Cerrado” (MALHEIROS; JÚNIOR, 2008, p. 378-395) aborda sobre um dos fatores primordiais na fragmentação dos habitats naturais, as rodovias. O transporte rodoviário ocupa 56% dos meios mais utilizados pelos veículos de cargas, fazendo dele um recurso interessante para o país, isso em decorrência de resultados políticos que arquitetaram sua consideração.

A dinâmica da faunística no Cerrado acontece de acordo com a disponibilidade de alimento, uma vez que todos os componentes faunísticos e florísticos são síncronos, entretanto, a fauna não migra para ambientes muito distantes. Para o deslocamento, os animais se guiam por um sentido de direção conhecido como corredores, desde que sejam considerados seus hábitos e suas necessidades diárias.

As rodovias são construções antrópicas, que se transformam em pontes de conexão entre as manchas, e ao atravessá-las, os animais são atropelados. O número de vítimas chega a 195.150 por ano apenas no Estado de Goiás. Com isso, no decorrer da história do Cerrado, mostra-se que o mal planejamento da ocupação dos espaços por atividades econômicas, afetam a ecologia do ambiente, levando assim, possíveis extinções de espécies da fauna e da flora.

No décimo capítulo “Contribuições da genética molecular para a conservação e o uso de espécies frutíferas do Cerrado” (SOARES; TELLES; CHAVES, 2008, p. 398-442) os autores apresentaram algumas contribuições da biologia molecular para a perpetuação e a domesticação de espécies frutíferas e nativas do Cerrado. Ao realizarem o estudo, afirmaram que o apoio da genética de populações exerce um papel fundamental na conservação da flora no Cerrado, com isso é possível realizar estratégias, promovendo a manutenção das espécies. Entretanto, muitos exemplares brasileiros não possuem estudos suficientes, sofrendo, assim, da carência de informações.

O capítulo onze “Plantas medicinais do cerrado” (BARBOSA, 2008, p. 444-466) traz informações acerca da riqueza do Cerrado quanto ao uso das ervas medicinais. A autora inicia abordando o bioma com foco em desmentir sobre a pobreza que circunda essas terras. Em seguida, fala sobre o histórico do uso das plantas desde sua utilização pelos povos mais primitivos da região até as extrações utilizadas hoje na medicina. Seguindo, a pesquisadora realiza afirmações da biodiversidade de matéria-prima farmacêutica, os cuidados necessários com as plantas, as precauções ao coletá-las, para assim preservar as estruturas e seus princípios ativos.

No capítulo doze “Recursos hídricos no Cerrado” (CUNHA, 2008, p. 467-478) traz informações sobre os estudos hidrológicos do Cerrado, iniciando por pluviometria, detalhando acerca das condições de chuvas no bioma e esclarecendo seus dados de precipitação. Em seguida, abordou quanto a fluviometria, mostrando suas considerações para a manutenção do bioma e dos componentes fitofisionômicos sul-americanos.

Logo após, o autor trabalhou aspectos antropológicos que interferem diretamente nos recursos hídricos do ambiente, sendo eles: aumento da população urbana, as queimadas, as atividades de mineração e garimpo, a irrigação, o uso de agrotóxicos, crescimento das áreas de pastagem, o desmatamento, falta de informações hidrológicas para pequenas bacias e a ineficácia das leis.

No último capítulo, treze “No cerrado das tropas e boiadas (ensaio histórico-literário)” (ESTEVAM, 2008, p. 479-516) traz um romance literário sobre o Cerrado e a sua existência para sobrevivência humana, animal e vegetal. De forma poética o texto emite uma mensagem de forte impacto, nos fazendo navegar pela história das terras do sertão e a sua interação no espaço.

A obra que, complementa, com vários artigos, como capítulos, compuseram os volumes deste trabalho. Trazendo informações de cunho observacional acerca do ponto de vista norteador das composições culturais e científicas do bioma Cerrado. O livro não possui foco em apenas um elemento, mas aborda de forma romantizada alguns textos que remetem em reconhecer a perda ocorrida nestes complexos ambientes.

Através de um viés científico, o organizador buscou categorizar as diferentes ciências que relevam o prestígio de entender o bioma focado. Em um contexto geral, os volumes de *Universo do Cerrado* de Horieste Gomes deixaram informações sobre a importância deste complexo vegetacional em diversas formas de análises, perspectivas históricas, humanas, sociais, antropológicas, ambientais, biológicas e geográficas. A obra se denota relevante por

sua vasta gama de integrações, que podem contribuir com a construção cultural nos ambientes do Cerrado brasileiro.

Referência

GOMES, H. (Org). **Universo do Cerrado**. Goiânia: UCG, 2008. (Volume 1 e 2).